



Tela em Branco¹

Amanda Thiel LOPES²

Margareth MICHEL³

Universidade Católica de Pelotas, RS

RESUMO

Texto produzido para a coluna “Espaço da Redação” do jornal impresso pelotense Diário Popular onde os jornalistas e estagiários tem a oportunidade de escrever sua opinião ou analisar fatos do cotidiano. O texto foi escrito a partir de uma notícia repercutida no Rio Grande Sul, na qual candidatos a salva-vidas temporários foram desclassificados por possuírem tatuagens. A publicação ocorreu em janeiro de 2011 e trouxe uma análise comportamental a partir da opinião de uma jovem tatuada.

PALAVRAS-CHAVE: análise; comportamento; perfil; tatuagem; texto.

INTRODUÇÃO

Tatuagens sempre foi um tema controverso e bastante discutido na sociedade, pois coisas que saem do comum, do dito normal, provocam rumores, comentários e preconceitos. Mas não foi sempre assim. Se formos analisar historicamente o hábito de tatuar o corpo surgiu na antiguidade e, de acordo com uma reportagem no site da revista Galileu⁴, entre 2160 e 1994 antes de Cristo mulheres egípcias já possuíam inscrições em torno do abdômen. Este fato comprova que as tatuagens estão presentes praticamente junto com a humanidade e depois de passados mais quatro mil anos essa prática, hoje mais comum, passou por várias transformações comportamentais. Antigamente, tatuar desenhos ou inscrições no corpo era praticado por imperadores e reis. Mais tarde, a Igreja proíbe a prática por ser considerada “coisa do demônio”. Nos séculos seguintes, a tatuagem ganhou uma conotação marginalizada onde, principalmente, criminosos a utilizavam como forma de identificação. Na atualidade, os desenhos na pele se tornaram comuns, como uma espécie de acessório. Ainda assim, o preconceito existe sim. Pode não aparecer tão evidente, mas está ali no jeito de olhar das pessoas, em cláusulas contratuais ou tácito na cultura ultrapassada da sociedade.

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo interpretativo – Dossiê, Análise, Cronologia, Perfil, Enquete (avulso apresentado em qualquer suporte).

² Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Habilitação Jornalismo, email: amielopes@gmail.com.

³ Professora orientadora do trabalho, email: margareth.michel@gmail.com.

⁴ <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI132738-17770,00-CONHECA+A+HISTORIA+DA+TATUAGEM.html>



2 OBJETIVO

O texto “Tela em Branco” tem como objetivo delinear o perfil de uma jovem diante de um fato específico de preconceito contra tatuagens. O texto visa, ainda, traçar uma análise da nova geração que está se formando e mostrar que qualquer tipo de retaliação, seja por classe, credo, cor ou costumes, só desagrega valor a uma sociedade já carente de compreensão.

3 JUSTIFICATIVA

A ideia de manifestar minha insatisfação com o preconceito contra pessoas tatuadas surgiu depois que uma matéria foi publicada no site do jornal, local onde trabalho. A reportagem alegava que um item do edital de contratação dos salva-vidas civis temporários impedia que candidatos com tatuagens assumissem os postos. Ao ler aquilo não acreditei que, em pleno Século XXI, uma cláusula sem cabimento como essa ainda pudesse fazer parte de uma corporação tão respeitada quanto a Brigada Militar.

O assunto gerou polêmica em todo o estado do Rio Grande do Sul e diversos meios de comunicação noticiaram e apresentaram várias versões da história. Li praticamente todas as notícias a respeito e nesse momento me senti quase na obrigação de escrever alguma coisa também, afinal, ninguém poderia entender melhor o que esses candidatos estavam passando do que uma pessoa com tatuagens. Uma pessoa como eu.

“O ambiente prevalente de um organismo pode ser considerado como padrão ou configuração de todas as energias, presentes num determinado momento, que são capazes de entrar em relação funcional com o comportamento” (MILLENSON, 1967).

Na verdade, a intenção mais profunda desse texto talvez seja caracterizar uma geração de jovens que não deve ser submetida a qualquer tipo de preconceito. São outros tempos, temos outros valores e modos de viver. Ninguém deveria ser prejudicado por uma forma de expressão.

“Um fator importante no funcionamento social da pessoa é sua “percepção social”, isto é, a maneira de perceber a outras pessoas e grupos” (KRECH & CRUTCHFIELD, 1973), por isso observar o tipo de exclusão a que passaram esses candidatos pode acabar gerando diversos impactos negativos na sociedade. Afinal, que exemplo de tolerância podemos dar quando um simples desenho no corpo pode por a prova sua capacidade?



4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O método utilizado foi uma análise sobre o determinado fato em questão. Com base em reportagens vinculadas na mídia e munida de opinião, tanto jornalística quanto pessoal, dissertei sobre a minha indignação com o preconceito que as pessoas tatuadas continuam sofrendo.

O jornalista “pode em si conter a força de uma série de acontecimentos” (OLINTO, 1955) e, dessa forma, tentei conscientizar os leitores do jornal que tatuagens são uma forma de expressão e não um elemento definidor de caráter ou capacidade.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O texto foi escrito em janeiro de 2011 para a coluna Espaço da Redação no Jornal Diário Popular. Este espaço do jornal permite que jornalistas e estagiários escrevam e expressem opiniões ou análises sobre fatos diversos.

Após o desenrolar das notícias sobre os candidatos a salva-vidas que foram desclassificados, eu praticamente me coloquei no lugar dessas pessoas e escrevi uma análise carregada de opinião, mas mostrando como uma jovem estudante de jornalismo tatuada interpreta este tipo de situação.

Tratei principalmente do preconceito contra tatuagens e demonstrei indignação diante de uma norma da corporação da Brigada Militar, além de relatar minha experiência pessoal com o controverso mundo das tatuagens.

6 CONSIDERAÇÕES

“Se o homem é um animal social e não pode viver sozinho, como poderá ser ampliada a liberdade do indivíduo e libertada a capacidade criadora da pessoa, *através de sua relação com a sociedade?*” (KRECH & CRUTCHFIELD, 1973). Foi exatamente esse tipo de pergunta que pairou sobre mim quando pensei em escrever a minha análise. Se a sociedade ainda reprime algumas formas de expressão, como conviver com ela?

Não sei se o meu texto conseguiu desenvolver a profundidade da situação nos leitores, mas para mim foi de extrema importância escrevê-lo. Ali expus várias dúvidas e certezas que vejo não sendo só minhas, mas também de uma geração que precisa de liberdade para se expressar da forma que for.

Nenhum tipo de preconceito se justifica.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MILLENSON, J. R. **Princípios da análise do comportamento**. Ed.Coordenada-Editora de Brasília, 1967.

OLINTO, Antônio **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1955.

KRECH, David & CRUTCHFIELD, Richard. **Elementos de Psicologia**. 4ª edição, São Paulo: Ed. Pioneira, 1973.

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI132738-17770,00-CONHECA+A+HISTORIA+DA+TATUAGEM.html>

http://www.diariopopular.com.br/site/content/blogs/detalhe-conteudo.php?post_id=3430

ANEXO

O referido texto do trabalho “Tela em Branco”.

“Fiz minha primeira tatuagem com 18 anos. Eu naquele momento era maior de idade e queria mostrar para todo mundo que tinha crescido. Com o tempo veio a segunda tatuagem, a terceira... Hoje, beirando os 22 anos, tenho quatro desenhos marcados na pele e não, eu não pretendo parar.

Mais do que rebeldia, as minhas tatuagens representam histórias, homenagens e libertações. São lembranças que me surgem inesperadamente quando esqueço que elas estão ali e me pego olhando no espelho. Agora, elas fazem parte de mim.

Muitas pessoas me dizem que vou me arrepender no futuro e que ficarei velha e estranha, mas, sinceramente, eu não me importo nem um pouco com isso. É tudo uma questão de ponto de vista. É tudo uma questão de aceitação.

E falando em aceitação, chego ao ponto mais crítico de ser uma “tatuada”: o preconceito. Estamos no ano de 2011, onde tudo tende a ser mais liberal, e ainda assim essa bobagem de julgamento paira sobre as nossas cabeças. Estupidez, em minha opinião.

Vamos tomar como exemplo o mais recente caso dos candidatos a salva-vidas temporários que foram desclassificados por terem tatuagens no corpo. Por que isso faz com que eles



sejam piores do que os outros? Eles são inferiores por terem escolhido se expressar de uma forma diferente? Eu acho que não.

A Brigada Militar se justifica dizendo que é uma norma da corporação, mas, me desculpem, isso pra mim não justifica nada. Me digam por que esses candidatos não serão capazes de entrar na água e salvar uma pessoa e, aí sim, eu tentarei entender.

Eu escolhi ser jornalista. Esta é uma profissão que talvez seja mais gentil comigo e me permita ser do jeito que sou, afinal, não posso mais voltar e nem que pudesse voltaria. Muitos escrevem músicas, poesias ou pintam quadros. Eu faço de mim uma tela em branco só esperando um bom artista para ser desenhada.

Que venham os próximos anos e as próximas “tattoos”. E sabe, se as pessoas me olham feio e me criticam pelas tatuagens que tenho, talvez seja eu que não as queira perto de mim”.